

Biblioteca se entrelaça com você

*Marcelo Calderari Miguel **

Bibliotecônomo e arquivologista com mestrado em Ciência da Informação pela UFES, Marcelo Calderari Miguel atua como Diretor Social de Biblioteca, Arquivo e Museu no Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha (IHGVV – Casa da Memória). Lá, lidera iniciativas que fortalecem a identidade local e utilizam a cultura como ferramenta de empoderamento, provocação e resistência, mantendo vivas as memórias coletivas. Na cena artística, como MC Miguel, expressa sua paixão por meio de versos que entrelaçam memória, poesia e engajamento social, guiados por sua perspectiva neurodivergente. Seja preservando documentos ou criando poesia, dedica-se a cultivar pertencimento, promover justiça social e manter acesas as narrativas que nos conectam e inspiram transformação.



<https://orcid.org/0000-0002-7876-9392>

Recebido em: 27 de abr. de 2025. **Aceito em:** 13 de jan. de 2026.

Como citar esta produção artística:

MIGUEL, Marcelo Calderari. Biblioteca se entrelaça com você. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 15, n. 1, e6479, jan. 2026. DOI: 10.5281/zenodo.18237812.

I Sob a tinta, o motim

Sirva-se! A casa é sua — mas leia por sua conta.
A biblioteca é um templo... sem santo que apronta.
Tem silêncio de cemitério, mas zumbis nas estantes,
Autores que morreram — e seguem mais provocantes.

Entre capas duras e capas douradas de ilusão,
Livros que vendem resposta para qualquer questão:
“Como enriquecer sem ler Marx” ou
“Como parecer culto com meia opinião”

No fundo do corredor, uma prateleira confessa:

*



marcelocalderari@yahoo.com.br

— Leitor de orelha não passa da lombada.
E o saber, que devia libertar da promessa,
Virou *decorum* de dissertação encadernada.

Há quem leia por vício, por tédio, por pose,
E há quem só folheie esperando a psicose.
No clube de leitura, discutem Camus e Clarice,
Enquanto o mediador cita Diderot sem mesmice.

O bibliotecário sorri com cara de quem já viu demais,
Recomenda um livro leve, tipo: "Crise dos capitais".
Na ficha catalográfica, um aviso quase terno:
Cuidado: este livro já derrubou governos modernos.

Nas entrelinhas, a ironia explode nua e franca.
Tem *best-seller* que ensina a meditar... com grana.
E o *coach* da prateleira, que vendia hombridade e atitude,
Foi devolvido por "excesso de autoengano e beatitude".

Tem poesia no canto, sufocada por manuais,
Tem Sartre quase esquecido entre romances virais.
Enquanto o usuário, esperto, instrui o executivo,
A usar reticências para disfarçar o discurso evasivo.

No banheiro da biblioteca, rabiscado na porta:
"Ler é sexy — mas só se você não se perder na rota".
Se retorta, enleve, mergulhe, há mundo, história, memória,
Que alguns leem por alto e acham que o ápice é só a vitória.

Então vem, alma enaltecida, vem buscar sabedoria!
Mas saiba: quem lê demais, um dia duvida da biblioteconomia.

Porque a biblioteca é labirinto com expansível saída,
O egresso avança a leitura... noite após noite, seguida.

II A revolução está na prateleira?

A cabine parece inocente — mesário, almofada.
Mas guarda mais perigo... que uma reunião armada.
Ali, em silêncio ensaiado, germina o impensável:
Ideias — sem patrão, sem pastor, sem culpável.

Na mesa, uma criança lê... revoluções.
Sem saber que comete desobediência em ações.
O livro? Quieto. Sussurra segredos em código —
Com contos psicofônicos, visigóticos, teológicos.

Biblioteca não é depósito. É trincheira com carpete.
Não é neutra. É onde a verdade se mete.
Ali se forma o operário, o poeta, o dissidente.
Ali repousa o que o sistema finge ausente.

Tem missão ali dentro que não sai no edital:
Acolher a travesti que escapou da escola normal.
Devolver memória ao idoso que o tempo escondeu,
Traduzir o mundo ao menino que nunca o entendeu.

Na cabine de leitura, não tem currículo fixo.
Cabe tese, abismo... a carta do cárcere omisso.
O saber ali é líquido — não cabe em apostila,
E escorre pelas frestas que o governo não vigia.

Eles sabem. Por isso querem apagar:
Cortar verba. Trocar a placa. Esvaziar o lugar.
Porque biblioteca viva assusta mais que tropa:
Ela não distrai — desperta. E o pensamento galopa.

Não convém ao poder que o povo aprenda a ler.
Nem que entenda os contratos que tentam esconder.
Muito menos que descubra os livros censurados,
Que falam de justiça sem serem calados.

Biblioteca pública? Só se for decorativa...
Porque pública de verdade... é quase subversiva.
E nela o pedreiro entende a química do cimento.
E a costureira reconhece a estrutura do parlamento.

É onde o presidiário retorna seu inalienável direito,
E o indígena entoa o saber que nunca foi obsoleto.
É onde a favela encontra plano, papel e palavra,
E a elite percebe... que o privilégio se deslavra.

Eles sabem: livro lido — com reflexão,
é mais valioso que qualquer eleição,
derruba os muros, rompe a opressão,
é a semente de uma nova nação.

Porque quem aprende a ler o mundo inteiro —
não cala a verdade, não teme o engano,
derruba as grades, desfaz o cativo,
— abre horizontes no chão soberano!

III Vigora biblioteca, desafia o sistema

Entre colunas de carvalho e promessas plastificadas,
Rangem verdades que jamais foram alfabetizadas.
O silêncio não acalma — apenas encobre as farpas,
Enquanto teorias vencidas se vestem de fábulas fartas.

O piso cheira a infância não lida, a giz vencido,
E cada página pulsa num palácio estendido.
Tem título dourado com miolo vencido,
E conservação obrigatória pra fingir destino.

A sabedoria aqui reluz — mas não é gratuita.
Ela cobra em tempo, em ócio, em luta.
E o leitor, desanimado, com a pressa vazia,
Sai achando que entendeu... a antologia da covardia.

Entre tratados sagrados e manuais de obediência,
Desfilam verdades com laço de aparência.
E a biblioteca, coitada, ocultada de templo,
Oferece utopia... catalogou o dúbio exemplo

Não se engane: nem todo livro é farol.
Alguns vendem trevas com capa de sol.
Tem manual de ética patrocinado por banco,
E ensaio libertário vetado por “estar em branco”.

No canto esquerdo, poesia dorme sem holofote,
Enquanto a autoajuda brilha em neon — mais forte.
Ali, a criança declama sem merenda ou algo açucarado,
Na cabine um CEO cita Camões — faz-se entender, é claro.

Bibliotecário — guerreiro de salário discreto,
Domador de arquivos, que enfrenta o ultrassecreto,
Cartografa mundos do saber com toque preciso,
E não silencia as dores, ao contrário, as realizo.

Há jovens que leem só a lombada, com zelo,
Outros que devoram o enredo do cordel singelo.
Mas todo leitor é suspeito — traz algo mais, tenreiro,
Logo é tachado de visionário, fora da lei, guerreiro...

E os títulos? Um desfile de promessas sutis:
“Como enriquecer sem crise, sem país”.
“O poder do agora sem antes, sem depois”.
“Soluções mágicas pra problemas que você não constrói”.

Aqui, a história é perfume — tem cheiro de pólvora.
A ficção é travesseiro — costura e ilustra a desordem.
E quem se arrisca a entender o que não se ensina,
Descobre na biblioteca que o saber é faca que afina.

Mas venha. Sente. Leia. Subverta...
Só saiba que cada livro aberto é porta incerta.
E que a biblioteca — cálida, viva, perigosa —
É o único lugar onde iludir... é coisa honrosa.

Porque aqui, a verdade nunca terá ardil disfarce.
Cada livro, ao criar arte, amplia a cidadania, o enlace.
No fim da última estante, a cartada final sem moldura:
“Cuidado: o saber contamina! E a ignorância, nunca cura”.